



A criança autista e a enunciação como uma realização vocal da língua

The autistic child and enunciation as a vocal realization of language

Isabela Barbosa do Rêgo Barrosⁱ
Universidade Católica de Pernambuco

José Temístocles Ferreira Júniorⁱⁱ
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar aspectos fonéticos da enunciação de duas crianças com diagnóstico de autismo, com idade entre 4 e 6 anos, partindo da premissa segundo a qual as variações ou diferenças fonéticas presentes nas vocalizações podem ser compreendidas como um mecanismo linguístico-discursivo por meio do qual a criança autista sinaliza sua presença e seu engajamento enunciativo. A enunciação é tomada aqui como realização vocal da língua, aspecto destacado e pouco explorado por Benveniste (2006) no artigo “O aparelho formal da enunciação”. Nesse sentido, partimos da enunciação vocal da língua, mais especificamente no nível fonético, para analisar as operações de segmentação e substituição (Benveniste, 2005) subjacentes ao discurso da criança autista e vislumbrar formas de semantização da língua. O *corpus* da pesquisa foi selecionado a partir do banco de dados do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Nos recortes que serão apresentados, as crianças estabelecem trocas enunciativas com diferentes parceiros discursivos em situações clínicas. As análises mostram que, a partir da perspectiva enunciativa, é possível ressignificar as variações fonéticas presentes nas vocalizações das crianças autistas, tomando-as como um mecanismo construção de sentidos e uma forma de singularização dos posicionamentos da criança no discurso.

Palavras-chave: Enunciação vocal; fonema; semantização; autismo.

Abstract: The objective of this work is to analyze phonetic aspects of the enunciation of two children diagnosed with autism, aged

between 4 and 6 years old, based on the premise that the variations or phonetic differences present in vocalizations can be understood as a linguistic-discursive mechanism by means by which the autistic child signals his presence and his enunciative engagement. Enunciation is taken here as a vocal performance of language, an aspect highlighted and little explored by Benveniste (2006) in the article "The formal apparatus of enunciation". In this sense, we start from the vocal enunciation of the language, more specifically at the phonetic level, to analyze the operations of segmentation and substitution (Benveniste, 2005) underlying the speech of the autistic child and to glimpse forms of semantization of the language. The research corpus was selected from the database of the Graduate Program in Language Sciences (PPGCL) of the Catholic University of Pernambuco (UNICAP). In the clippings that will be presented, the children establish enunciative exchanges with different discursive partners in clinical situations. The analyzes show that, from the enunciative perspective, it is possible to re-signify the phonetic variations present in the vocalizations of autistic children, taking them as a mechanism for constructing meanings and a way of singularizing the child's positions in speech.

Keywords: Vocal enunciation; phoneme; semantization; autism.

Introdução

Durante muito tempo, os transtornos de linguagem (como gagueira, afasia, dislexia, surdez, autismo etc.) foram tomados sob o aspecto da mera irregularidade nos estudos linguísticos ou mesmo considerados como exceções por conter um tipo de fala que não servia aos modelos de descrição da Linguística formal. Por essa razão, ao não se enquadrar nos padrões típicos da aquisição, os desvios observáveis no comportamento linguístico de indivíduos com diferentes transtornos de linguagem estiveram na exterioridade das preocupações de áreas pertencentes à Linguística, ficando à mercê de descrições e análises de áreas como Psiquiatria, Fonoaudiologia, Psicologia e Psicanálise, que não dispunham de uma teoria sobre a linguagem capaz comportar as especificidades de condutas languageiras nos quadros de distúrbios.

Na medida em que os dados verificáveis em transtornos de linguagem pode fornecer subsídios para que levantemos diversas hipóteses acerca do modo de entrada da criança na linguagem, ele apresenta indícios para o desvendamento de questões implicadas no objeto de estudo das pesquisas sobre a linguagem infantil, tais como: a) de que maneira as particularidades de cada transtorno de linguagem são instituídas na fala da criança? b)

como tais particularidades podem ser descritas e/ou analisadas? c) quais os modos de instauração da subjetividade na língua?

Se analisadas sob o prisma da teoria da enunciação¹ de Benveniste (2005 e 2006)² [2], essas questões poderão ser redimensionadas, pois as falhas presentes nas diversas sintomatologias da linguagem encontram-se interligadas aos elementos que sustentam o ato enunciativo e à medida que revelam modos de organização linguística podem fornecer pistas para elucidação da relação da criança com a linguagem e do funcionamento da linguagem na criança. Em outras palavras, pensamos que os transtornos de linguagem estão diretamente relacionados à constituição da criança como sujeito no processo enunciativo, deixando à mostra diferentes formas de engajamento subjetivo e de produção de sentidos.

No caso dos Transtornos de Espectro Autístico (TEA), as especificidades do funcionamento da linguagem têm sido objeto de inúmeras pesquisas no campo enunciativo benvenistiano nos últimos anos (BARROS, 2011a; BARROS, 2011b; BARROS, 2012; FERREIRA JÚNIOR, 2014; BARROS; 2014; BARROS; FERREIRA JÚNIOR, 2014; BARROS; FONTE, 2016; FERREIRA JÚNIOR; AZEVEDO; BORBA, 2020; BARROS; FONTE; SOUZA, 2020; BARROS; VALE, 2020; CASTRO; BARROS, 2021; BARROS; FONTE, 2021; BARROS, 2022). A discussão apresentada aqui não possui aspirações generalizantes ou mesmo procura extrair das análises dos dados conclusões universais sobre o modo de funcionamento linguístico-discursivo válidas para qualquer indivíduo com TEA. Na verdade, a pluralidade de funcionamentos da linguagem no espectro autístico pode dar a dimensão

¹ Destacaremos no decorrer de nossa pesquisa que o conceito de enunciação formulado por Benveniste (2005 e 2006) apresenta nuances flagrantes à medida que aparece em seus textos. No entanto, a perspectiva adotada aqui segue a definição geral que o autor apresenta em um de seus últimos textos: "A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização." (2006, p. 82).

² Como iremos mostrar nas discussões que se seguem, a obra de Benveniste apresenta especificidades do ponto de vista de sua composição e divulgação: os dois volumes destinados à reflexão em torno da temática do homem na linguagem e dos aspectos enunciativos dessa relação reúnem diversos textos produzidos em momentos (teóricos e cronológicos) diferentes, para públicos variados e com finalidades também distintas. Segundo Flores (2010 e 2013), as abordagens enunciativas que têm por base as formulações teóricas de Benveniste não podem ignorar essa falta de unicidade teórica e de simetria cronológica em seus textos. Essa constatação traz consigo a necessidade de adoção de critérios para leitura dos textos escolhidos para reflexão. Portanto, advertimos, de partida, que o sintagma "teoria da enunciação de Benveniste" não deve implicar a existência de um modelo teórico homogêneo, uniforme e acabado no conjunto da obra desse autor, como poderia fazer supor.

da heterogeneidade dos casos. O intuito aqui é lançar luz sobre vocalizações produzidas por crianças autistas a partir de uma perspectiva enunciativa para buscar compreender o processo de semantização e o engajamento discursivo dessas crianças.

Elegemos como ponto de ancoragem os textos de Benveniste “Os níveis da análise linguística”, publicado em 1964 (2005), “A forma e o sentido na linguagem”, do ano de 1967 (2006) e “O aparelho formal da enunciação”, de 1970 (2006). Os dois primeiros textos alicerçam nossas discussões sobre a necessidade do distanciamento de abordagens formalistas, restritas ao plano semiótico da língua, para uma investigação sensível aos diferentes modos de atualização da instância enunciativa e de construção dos sentidos. Já no texto “O aparelho formal da enunciação”, encontramos elementos para pensar o aspecto da realização formal da língua e os modos de semantização no quadro figurativo da enunciação. Como a premissa que norteia esta investigação parte da singularidade da enunciação nos transtornos autísticos, o recorte teórico representado por esses textos subsidia as discussões e as análises a serem apresentadas aqui.

2. A enunciação e os níveis da análise linguística

O ato de colocar a língua em funcionamento pode ser abordado por muitos aspectos. No artigo “O aparelho formal da enunciação” (2006 [1970]), Benveniste destaca principalmente três aspectos deste ato: a) a enunciação como uma realização vocal da língua; b) a enunciação como conversão da língua em discurso; c) a enunciação como uma realização que ocorre em um quadro formal. Como destacou Benveniste no referido artigo, embora seja considerada o aspecto mais perceptível e mais direto, a realização vocal da língua, de maneira geral, é pouco vista em relação ao fenômeno geral da enunciação. Benveniste tampouco aprofundou a discussão, dedicando-se mais à reflexão sobre os outros aspectos apontados por ele no texto “O aparelho formal da enunciação.”.

Algumas pesquisas se voltaram à discussão do aspecto vocal da enunciação com base nas teorizações benvenistianas, tais como Flores e Surreaux (2012), Silva e Milano (2013), Diedrich (2015) e Aresi (2019), mas a questão ainda se apresenta como um tema que necessita de aprofundamentos. Para investigar a enunciação vocal, é necessário estabelecer algumas balizas relacionadas ao modo com que forma e sentido se articulam nas diferentes unidades que compõem a língua. Nesse sentido, nas reflexões de Benveniste, a noção de

nível está diretamente ligada aos procedimentos da análise linguística, e o sentido representa um aspecto fundamental para determinação das unidades integrantes e constituintes da língua. Como bem pontua Flores (2010), o que Benveniste chama de "nível da análise linguística" se define em função das relações distribucionais e integrativas das unidades da língua. "A capacidade de integração em um nível superior diz respeito ao sentido; a capacidade de distribuição em um mesmo nível como constituinte diz respeito à forma.", afirma Flores (2010, p. 400). Nesses termos, o fonema pode ser tomado como um nível de funcionamento dos sentidos por representar uma unidade que comporta unidades menores (os traços distintivos) e integra uma unidade mais alta, o morfema.

Entre os poucos apontamentos feitos a respeito do aspecto vocal da enunciação, Benveniste destaca:

Mas cada um sabe que, para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhes. Estas diferenças dizem respeito à diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida. (BENVENISTE, 2006, p. 82-83).

Em outros termos, o aspecto vocal conclama as singularidades decorrentes da realização oral da língua por parte de cada locutor e as variantes ligadas à diversidade situacional que reveste o ato enunciativo. É nessa mesma linha que Diedrich (2017) afirma que Benveniste revela especificidades, manifestadas nas vocalizações, da relação do locutor com a língua no ato enunciativo, que envolvem a emissão e a percepção dos sons da língua. A emissão "(...)" está relacionado ao fato de o locutor se apropriar dos sons da língua e enunciá-los à sua maneira, o que constitui a subjetividade da enunciação fônica, na qual o eu da enunciação se marca." (DIEDRICH, 2017, p. 502). Por outro lado, a percepção carrega o outro, o tu, na enunciação marcado pela singularidade com que o interlocutor percebe os sons da língua.

Apoiados em Benveniste, defendemos, neste trabalho, que os sons tidos como aleatórios produzidos pelos autistas representam uma possibilidade de os locutores se inserirem no discurso, tendo como ponto de chegada o interlocutor. Partimos do pressuposto de que na enunciação não se separam os aspectos segmentais (as formas sonoras) dos suprasegmentais (os sons) da língua, pois a enunciação é um mecanismo total que, de uma forma ou de outra, afeta todo o sistema da língua. Dessa maneira, sendo os

fonemas unidades linguísticas e o sentido, segundo Benveniste (2005), transversal a todos os níveis de análise, propomos a discussão de como o sentido se opera no nível do fonema e pode ser percebido nas variações fonéticas presentes nas vocalizações de duas crianças autistas durante uma situação de conversação.

3. Forma e sentido e o fonema como nível

A relação entre “forma e sentido” é abordada por Benveniste no texto “Os níveis da análise linguística”, publicado em 1964 (2005) e retomada no ano de 1967 (2006) no texto “A forma e o sentido na linguagem”, como uma crítica a abordagens formalistas que deliberadamente recusavam qualquer consideração sobre o sentido nos estudos desenvolvidos sobre as formas linguísticas. Para o linguista: “Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua.” (BENVENISTE, 2005, p.135). Assim, a relação entre forma e sentido deve ser tomada, nessa perspectiva, como uma relação de implicação mútua.

Em sua crítica, Benveniste afirma que, durante a análise de um enunciado, os elementos obedecem a duas operações: segmentação e substituição, que resultam na percepção da forma distinta do sentido. Na segmentação, o sintagma é segmentado até o encontro de elementos não decomponíveis: o fonema (a menor unidade das línguas naturais com valor distintivo). Paralelamente, as unidades são identificadas pela substituição que permitem. “A análise pode, assim, reconhecer e distinguir um nível fonemático, em que se praticam as duas operações de segmentação e de substituição, e um nível hipofonemático, o dos traços distintivos, não segmentáveis, que dependem apenas da substituição. Aí se detém a análise linguística.” (BENVENISTE, 2005, p.129)

No entanto, a questão levantada quando se propõe uma análise enunciativa não é se o segmento, em nosso caso, fonético, tem um sentido, mas qual o sentido. Essa, para Benveniste, é a condição linguística da relação forma e sentido. “O *sentido* é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico.” (BENVENISTE, 2005, p.130). Isso, em nosso entendimento, suscita o segundo aspecto mencionado por Benveniste no texto “O aparelho formal da enunciação” - a enunciação como conversão da língua em discurso.

[...] O sentido é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores; e a forma é, do ponto de vista linguístico (a bem dizer do ponto de vista dos lógicos), ou a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos ao nível linguístico relevante. (BENVENISTE, 2006, p. 222).

A linguagem significa, e significar é ter um sentido. Logo, o sentido de um som não é determinado apenas pelas relações semióticas que pode indicar haver no sistema da língua. A realização vocal da enunciação traz à tona os aspectos discursivos envolvidos no processo de semantização e as singularidades com que a experiência é repetida no detalhe das formas sonoras. Em nossas análises, qual seria o sentido das vocalizações das crianças autistas? E para quem? Segundo Benveniste (2006), as discussões sobre a forma e o sentido implicam a doutrina saussureana do signo, posto que este “é dotado de significação na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua.” (BENVENISTE, 2006, p. 227) Lembremos, porém, que é na aceitação e na relação que estabelece com outros signos a condição necessária para que o signo exista. “É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe.” (BENVENISTE, 2006, p.227). Assim, o aspecto vocal da enunciação explicita o modo singular com que as vocalizações produzidas pela criança autista são reconhecidas e compreendidas.

Na vocalização dos autistas, o sentido se realiza pelo agenciamento dos sons (fonemas) em uma organização sintática frasal determinada pela ação fundamental do interlocutor, que reconhece e compreende no enunciado unidades de interpretância da língua. “Uma frase participa sempre do “aqui e agora”; algumas unidades de discurso são aí unidas para traduzir uma certa ideia interessante, um certo presente de um certo locutor.” (BENVENISTE, 2006, p.230)

Na enunciação da criança autista, os fonemas e as combinações realizadas passam a funcionar como signos da língua e como palavras do discurso, e sinalizam um modo singular com que as unidades semióticas se combinam e podem ser compreendidas pelo outro. Em outros termos, os níveis semiótico e semântico da língua expõem a singularidade do transtorno autístico na justa medida em que crianças autistas frequentemente encontram modos específicos de vocalizar e de agir sobre seus parceiros discursivos.

O interlocutor do sujeito autista percebe que ele está falando e reconhece os fonemas da língua, contudo os arranjos associativos da língua não são compreendidos em decorrência da organização de forma particular dos signos linguísticos no cérebro e à revelia de um sujeito, provocando no interlocutor diversas interferências na tentativa de compreender o discurso. (BARROS, 2013, p. 116)

Na contramão de manuais (CID-10, 1996; DSM-5, 2013) que tomam o autismo como um transtorno do neurodesenvolvimento no qual a linguagem é descontextualizada e sem significado, defendemos que é na enunciação que as vocalizações ganham um sentido, desde que o interlocutor identifique e compreenda as formas semióticas empregadas pela criança autista.

4. Metodologia

Apresentamos um estudo de caso, resultante de pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco, em 08/04/2020, sob o parecer nº 3.960.039. Os dados analisados foram coletados de fragmentos da linguagem de duas crianças autistas, com idade entre 4 e 6 anos, selecionados no banco de dados do Grupo de Estudos e Acolhimento ao Espectro do Autismo (GEAUT) do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Esclarecemos que os trechos retirados e analisados do banco de dados mantiveram o sigilo da pesquisa científica em relação à identidade dos sujeitos envolvidos, respeitando e garantindo o direito à privacidade e ao uso da imagem. Por isso, foram utilizados nomes fictícios para apresentar os sujeitos.

A análise dos dados foi subdividida em três etapas: na primeira etapa, os dados foram selecionados do banco de dados; na segunda etapa foram transcritos de acordo com o alfabeto fonético internacional e na terceira etapa foram analisados de acordo com a proposta enunciativa.

Os fonemas são transcritos entre colchetes ([]), além de serem representados com uma notação específica do alfabeto fonético internacional, as sílabas são separadas por pontos (.) e a tonicidade é marcada pelo símbolo ('). Destacamos, porém, que apresentamos uma transcrição fonológica, na qual os fonemas são apresentados entre barras (/ /), por obedecer a impressão psíquica que os sons produzidos pelos sujeitos autistas deixaram nos

pesquisadores durante a transcrição fonêmica. Abaixo de cada transcrição fonológica colocamos a transcrição grafêmica (representada pelos símbolos < >) para facilitar a compreensão do leitor.

5. Análise e discussão dos dados

Destacamos, neste trabalho, as produções fonêmicas da língua como meio de entrada do autista na linguagem, em oposição ao discurso clínico tradicional, que aponta a fala ecológica, as vocalizações e as estereotipias como nonsense.

Acreditamos, apoiados nas considerações enunciativas de Benveniste (2005; 2006), que os arranjos dos fonemas presentes nas vocalizações dos autistas podem sugerir o engajamento na linguagem, compondo uma maneira particular do autista se enunciar e se constituir como sujeito na língua/linguagem. Observemos os fragmentos enunciativos a seguir.

Quadro 1. O telefonema

Cena enunciativa 01 Criança 1: Hugo, 4 anos Interlocutor: lara, interlocutora			
	Criança 1	Interlocutor	Descrição da Cena
1	/ɔ . 'ta . tʃiʋ/ <otátchiu>	Aí está desligado.	Nesse momento lara fica interagindo com a criança, que está perto dos aparelhos eletrônicos presentes na sala.
2	/aba . 'ba . ziʋ/ <ababáziu>	Alô	A criança começa a brincar com o telefone, com lara e inicia uma interação.
3	/a . 'tʃiʋ/ <atchiu>	Quem é?	lara pergunta à criança, enquanto Hugo mexe no telefone.
4	/ a . 'lo / <alô>	Alô, aqui é lara.	lara responde à criança.
5	/ a . ' mɐmɐ . ' e / <a mããê>	Quer falar com a mamãe?	Nesse momento a criança vocaliza.
6	/ a' . mɐmɐ . 'ziʋ/ <amããziu>	É a mamãe, Hugo?	A criança vocaliza novamente.

Fonte: Banco de dados GEAUT

Percebemos no Quadro 1 que os fonemas emitidos pela criança parecem obedecer a uma sequência comum ao alfabeto de língua portuguesa, a saber: consoante e vogal (CV). Talvez a percepção desses encontros fonêmicos pelo interlocutor aproxime-o da criança e provoque as tentativas de construir um diálogo (linhas 2, 3, 4, 5 e 6).

Acreditamos que, para além do reconhecimento fonético dos padrões produzidos pela criança, as relações estabelecidas entre os fonemas compondo unidades maiores, os morfemas, provocam agrupamentos de sentido, que permitem que lara aceite as produções sonoras e se coloque como interlocutora do sujeito, dando sentido ao que é produzido pela criança.

- 1) Criança 1: / a.'lo /
- 2) lara: **Alô**, aqui é lara.
- 3) Criança 1: / a.' **meme**.' e /
- 4) lara: Quer falar com a **mamãe**?
- 5) Criança 1: / a'. **meme**.'ziw/
- 6) lara: É **a mamãe**, Hugo?

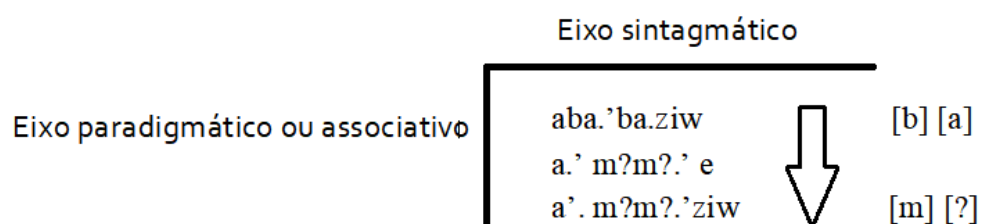
Esse movimento na enunciação entre o “eu” e o “tu”, em uma alternância de posição no discurso, possibilita a constituição dos sujeitos e marca o posicionamento enunciativo, sobretudo, da criança por meio das vocalizações.

Saussure (2006) mencionara que a língua obedece a uma combinatória de signos estabelecida pelas relações sintagmáticas e paradigmáticas (ou associativas) que possibilitam a compreensão das línguas pelos sujeitos. (BARROS; NÓBREGA, 2016). As relações sintagmáticas referem-se ao que é visto, ao que está posto no discurso, enquanto as relações paradigmáticas é o oposto: ocorre fora do discurso a partir de associações mentais efetuadas pelo sujeito, são possibilidades de evocações.

No exemplo apresentado, percebemos o deslize nos eixos sintagmático e paradigmático da língua, na seleção dos fonemas utilizados pela criança autista, os quais permitem a retomada do sintagma pelo interlocutor: / a'. **meme**.'ziw/ É a **mamãe**?

Imagem 1. Exemplo





No autismo, não há uma ultrapassagem da relação interna do signo, a qual informa a inexistência de vínculo fixo entre significante e significado, nem do princípio da arbitrariedade, uma vez que o autista não cria ou usa signos linguísticos que inexistem no sistema linguístico de sua comunidade. Entretanto, há uma alteração no deslize entre os eixos paradigmático representado pela língua, e o sintagmático, representado no plano da fala, decorrente do resultado da rigidez neste último eixo. (SILVA e col., 2016, p.19).

Considerando apenas o enunciado da criança, o deslize combinação linguística representa a atualização do discurso infantil em torno do sintagma “mamãe” (linhas 2, 5 e 6). A criança reorganiza seu encadeamento enunciativo em virtude do reconhecimento do seu interlocutor (linha 6):

<ababaziu> <a mamãe> <a mamãezinha>

Isso confirma que a criança autista não está alheia a linguagem e ao enunciado do outro, e realiza uma escuta que desencadeia mudanças no seu dizer. Esse movimento contempla o processo enunciativo de colocação da língua em funcionamento como um ato individual, ainda que intersubjetivo (BENVENISTE, 2005). Observamos, também, a presença da maioria dos padrões vocálicos condizentes com produções orais esperadas para crianças de quatro anos de idade, [ɔ] = ó, [ɛ] = é, [u] = u, [e] = ê, [o] = ô, [i] = i, [a] = a, de acordo com os estudos de Lamprecht (2004), o que, talvez, tenha contribuído para a posição de interlocutor assumida pelo outro. Ambos interlocutores compartilham a mesma língua e possuem o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe e modo de organizar o conteúdo.

Esse fato possibilita o esforço do outro, quando se posiciona como interlocutor, em reconhecer as vocalizações como significantes, a exemplo do que encontramos a seguir.

Quadro 2. A insatisfação

Cena enunciativa 02 Criança 2: Felipe, 6 anos Interlocutor: Iara, pesquisadora

	Criança 2	Interlocutora	Descrição da cena
1	/ iŋɐo. iŋɐo/ / ɐ. oo / <Inhaô inhaô ã ôô>	Tem que esperar. Quer sentar ali? Vá sentar ali.	Momento em que a criança está em pé querendo usar o computador, mexe o corpo para frente em um impulso de ir até o objeto, mas lara pede para Felipe se sentar e esperar.
2	/rum rum/ <rum rum>	Está na vez dele. Espere um pouco	Nesse momento, a criança autista está sentada na cadeira, choramingando, apresentando uma inquietação ao balançar as pernas tocando os joelhos e o corpo para frente e para trás. lara responde ao comportamento de linguagem.
3	/ iiii/ / rum. ɐ. ɐ/ <iiii> <rum ã ã>	Eu sei que você quer ir. Espere um pouco. Vai chegar sua vez.	Choramingando, a criança autista sai da cadeira e vai ao computador. A interlocutora intervém detendo a ação da criança.

Fonte: Banco de dados GEAUT

Nesse momento de insatisfação que poderia ser julgado, apenas, como resmungos ou choramingos sem significados, as vocalizações são tomadas como discurso pela interlocutora com destaque para a utilização dos marcadores fonéticos [ŋ]= nh e [r] = r e de vocalizações prolongadas [oo], [iiii] e [ɐ ɐ], que, de acordo Lamprecht (2004), compõem o quadro fonológico infantil a partir dos três anos e dez meses de idade. Permanecem as combinações do tipo CV comum ao alfabeto de língua portuguesa.

Consideramos que o posicionamento da criança, suas expressões e seu comportamento fizeram com que a interlocutora identificasse e compreendesse as vocalizações como manifestações linguísticas indicativas de insatisfação, estabelecendo uma relação de significação entre o encadeamento fonético esperado como constituinte de uma frase e a vocalização apresentada pela criança. Esse fato condiz com a afirmativa de Benveniste (2005) de que a linguagem representa a faculdade de simbolizar, que é inerente à condição humana. Em que outro animal poderíamos encontrar diferenças na representação da realidade e esforços em prol do entendimento?

Com base na perspectiva de Benveniste, ficam evidentes a propriedade significativa da língua, que se apresenta como um sistema apto a significar de diferentes formas, e a capacidade do homem de singularizar sua presença nas relações com o outro. O

engajamento da criança autista no discurso não se limita à realização vocal dentro das possibilidades dadas pelo sistema da língua, mas sinaliza as possibilidades de semantização e atualização da língua em discurso. Isso implica, por um lado, as relações intersubjetivas que condicionam o ato enunciativo e, por outro, a diversidade de formas de proposição do locutor como sujeito. As evidências do “eu” e do “tu” no discurso apontam para a construção de sentidos nos enunciados, quando os sons emitidos pela criança autista são percebidos como estruturas dotadas de sentido. A significância se dá no uso dos signos que funcionam como palavras no discurso, o que implica o contexto enunciativo revelador da significação e da subjetividade. O modo com que a criança autista vocaliza e agencia formas sonoras está ligado às possibilidades de combinação dadas pelo sistema semiótico e à capacidade de compreensão por parte de seu parceiro discursivo.

O sentido das vocalizações está na instauração da criança na linguagem, e não simplesmente, em significar algo nos termos do dicionário. Entretanto, nem sempre o outro se coloca como interlocutor hábil, capaz de reconhecer nas produções sonoras desviantes o sujeito, reduto e produtor de sentidos, conforme o exemplo a seguir.

Quadro 3. Jogo de boliche

Cena enunciativa 03 Criança 1: Hugo, 4 anos Interlocutor: Nelma, estudante de fonoaudiologia			
	Criança 2	Interlocutora	Descrição da cena
1	/la la la/ <la la la>		A criança produz vocalizações semelhantes a um cantarolar, enquanto organiza os pinos do boliche infantil no chão da sala. A interlocutora não responde à criança.
2		Vamo brincar agora assim. Faz assim ó, ó, ó.	A criança levanta-se e a interlocutora chama sua atenção, segurando uma bola do jogo infantil, demonstrando como deve ser lançada em direção aos pinos. A criança acompanha o movimento com o olhar
3		Vamo ver se a gente consegue derrubar.	A interlocutora joga a bola mas não derruba os pinos.
4	/ki/ <qui>		A criança pega a bola.

5		Vai tua vez agora. Vai. Assim ó. Ah!	A criança fica olhando a bola que está segurando com as duas mãos, enquanto a interlocutora lança outra bola em direção aos pinos. A criança acompanha o movimento da bola com o olhar.
6		Vê se tu consegue agora.	A criança se abaixa, pega a outra bola
7	/ta/ /te. di.e.si/ /ɛ.ʃi.ki.ɛ/ <ta> <têdiêsi> <échiquíé >		Agachada a criança bate as duas bolas no chão, fala mais alto e de modo incisivo, olhando para frente, joga as bolas no chão, sai de perto do jogo, dá as costas para o jogo e para a interlocutora e vai em direção ao armário.
8		Ó eu vou jogar, ó. Ó vem aqui.	A interlocutora pega a bola e vai em direção à criança.

Fonte: Banco de dados GEAUT.

As vocalizações da criança caem no vazio, pois a interlocutora não insere o discurso infantil no circuito enunciativo, apesar dos padrões silábicos do tipo CV estarem presentes no discurso através dos fonemas consonantais [l], [t], [d], [s], [ʃ] e [k]. Além dos vocálicos [a] = a, [i] = i, [e] = e, [ɛ] = é.

As produções infantis parecem ser percebidas como algo descontextualizado e sem sentido, do mesmo modo como são tratadas na literatura tradicional a respeito das características da linguagem no transtorno do autismo. Produções que poderiam se aproximar a “aqui” (linha 4) ou “tá, pegue esse. Esse é que é” (linha 7) perdem-se, assim como a inserção do sujeito autista na linguagem, em virtude de uma postura de negação do interlocutor que, talvez, espere encontrar padrões sintagmáticos convencionais. A enunciação ou o ato individual de utilização da língua entre pessoas (eu e tu), em um espaço e tempo definidos, não ocorre.

Analisar a enunciação do ponto de vista de sua realização vocal, segundo Aresi (2019), implica considerar os aspectos segmentais e suprasegmentais da língua. A atenção a isso, revelaria a possibilidade do interlocutor em reconhecer o sujeito, ao encontrar sentidos nos segmentos e suprasegmentos. Todavia, nas vocalizações de crianças autistas parece

ocorrer a dissociação de um ou outro aspecto pelo interlocutor, o que implica produções destituídas de uma posição enunciativa.

O esforço da criança autista em utilizar a linguagem e mostrar com o seu dizer (vocalizações) a sua posição de sujeito não encontra amparo no interlocutor. Situação diferente ocorre em produções de bebês que têm seus sons, embora ainda não discriminados, atualizados e ressignificados pelo outro. Aqui se faz presente as diferenças no processo de semantização da língua.

Para prosseguir na aquisição de linguagem, a criança autista precisa do outro que a torne sujeito, uma vez que não encontramos o homem reduzido a si mesmo e separado da linguagem, "é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem." (BENVENISTE, 2005, p.285). Em uma perspectiva enunciativa, não podemos considerar isoladamente as produções linguísticas do sujeito autista, mas o diálogo instituído entre os pares da locução, em que o eu e o tu desempenham um papel de reversibilidade na interação.

Assim, vocalizações frequentemente empregadas por crianças autistas trazem à tona outra via para abordagem da relação entre forma e sentido nos planos semiótico e semântico da língua. As combinações efetuadas pela criança não necessariamente são aceitas como possíveis no plano semiótico do sistema linguístico, mas podem ser reconhecidas e compreendidas pelo outro no plano semântico do discurso.

Considerações Finais

Como anunciado no início desta pesquisa, a investigação procurou responder, principalmente, a três questões norteadoras: a) de que maneira as particularidades da linguagem nos transtornos do espectro autístico são instituídas na fala da criança autista? b) como tais particularidades podem ser descritas e/ou analisadas? c) quais os modos de instauração da subjetividade na língua na enunciação da criança autista? Em relação ao questionamento realizado no item a), vimos que a relação entre forma e sentido deve ser redimensionada nos planos semiótico e semântico da língua e que há diferentes modos de construção da significação. Isso nos leva a repensar os modos de funcionamento da própria língua, uma vez que o arranjo da significação não se limita ao plano formal e sempre coloca

em cena o locutor e o seu parceiro discursivo. Logo, para compreender as particularidades linguístico-discursivas flagrantes nos transtornos do espectro autístico, é preciso levar em consideração o quadro figurativo da enunciação.

Em relação a b), é preciso considerar que as particularidades linguístico-discursivas estão situadas no processo de conversão da língua em discurso. Em outros termos, tratamos os padrões fonêmicos presentes na vocalização de duas crianças autistas como funcionamento linguístico-discursivo singular, considerando o modo como cada criança apreende e utiliza a língua, instaurando o outro diante de si. Logo, as combinações linguísticas operadas pela criança são efetivadas dentro do sistema da língua e sinalizam a atividade do locutor para se propor como sujeito na relação com o outro. Nesse sentido, as produções fonêmicas caracterizaram a singularidade do discurso do sujeito autista e representam uma possibilidade para apreensão da relação da criança com a língua.

Em termos de aquisição fonêmica, os padrões apresentados pelas crianças autistas condizem com o que é esperado para o período de aquisição fonológica e obedecem à estrutura silábica mais comum na língua portuguesa: consoante e vogal. Entretanto, em grande parte dos movimentos enunciativos da criança, o reconhecimento das vocalizações como combinações semióticas possíveis deve indicar que não há formas únicas e apriorísticas de significação e de engajamento subjetivo. É justamente nesse ponto que encontramos elementos para responder ao questionamento presente em c) quais os modos de instauração da subjetividade na língua na enunciação da criança autista? É no exercício enunciativo da língua que a criança encontra formas de significação e de singularização de seus posicionamentos subjetivos. Nesse sentido, os aspectos segmentais e suprasegmentais dos fonemas presentes nas vocalizações devem ser redimensionados e considerados no plano de um discurso cujo funcionamento é marcado por um modo singular de semantização. Em outros termos, as enunciações vocais no transtorno autístico devem ser ressignificadas.

É justamente nesse aspecto que os parceiros discursivos da criança autista devem operar deslocamentos para compreender suas vocalizações como enunciados. Nos recortes analisados, as crianças autistas se apropriaram dos elementos fonéticos do sistema linguístico e utilizaram tais elementos de modo peculiar, quando provocadas e convocadas

pelo interlocutor. Contudo, nem sempre as combinações efetuadas por sujeitos autistas serão aceitas como possíveis no plano semiótico da língua, porém poderão ser identificadas e compreendidas pelo outro no plano semântico do discurso.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-5)**. Arlington: American Psychiatric Publishing; 2013.

ARESI, Fábio. A prospecção de “O aparelho formal da enunciação”. **Letrônica**. v.12, n.2, abr/jun., p.01-14, 2019.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. **Da linguagem e sua relação com o autismo: um estudo linguístico saussuriano e benvenistiano sobre a posição do autista na linguagem**. 2011. 73f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011a.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. Autismo e linguagem: discussões à luz da teoria da enunciação. **Distúrbios da Comunicação**. v. 23, n 2, ago., p.227-232, 2011b.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. Os marcadores dêiticos e a produção de sentido na linguagem desviante. **Estudos da Língua(gem)**. v. 10, n. 2, p. 181-192, dez., 2012.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. Discussões acerca de uma possibilidade dicotômica da fala em Ferdinand de Saussure. **Nonada: Letras em Revista**. v. 1, n. 20, mai/ set, p. 103-118, 2013.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. **A linguagem como lugar de enunciação do sujeito autista**. In: Filippo Muratori; Rogério Lerner. (Org.). Os enlaces do corpo e da escrita na criança e no adolescente. 1ed. São Paulo: Instituto Langage, 2014.

BARROS, Isabela Barbosa do Rego; FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles. **Inversão pronominal e autismo: considerações sob a perspectiva enunciativa de Émile Benveniste**. In: BARROS, I.B.R (et al.). Curitiba, PR: CRV, 2014.

BARROS, Isabela Barbosa do Rego; FONTE, Renata Fonseca Lima da. Estereotipias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 745-763, 2016.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo; NÓBREGA, Mônica. **Fonoaudiologia e sistema linguístico**. In: MONTENEGRO, A.C de; RÊGO BARROS, I.B.do; AZEVEDO, N.P.S.G. de (orgs.). Fonoaudiologia e linguística: teoria e prática. Curitiba: Appris, 2016.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo; FONTE, Renata Fonseca Lima da; SOUZA, Ana Fabrícia de. Ecolalia e gestos no autismo: reflexões em torno da metáfora enunciativa. **Forma y Función**. v. 33, n. 1, p. 173-189, 2020.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo; VALE, Lorena Grace Alves do. Epistemologia enunciativa na clínica fonoaudiológica do autismo. **Fragmentum**, [S. l.], n. 56, p. 281–296, 2020.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo; FONTE, Renata Fonseca Lima da. **Ecolalia e autismo: discussões em torno da metáfora na clínica de linguagem**. In: Paulo Vinícius Ávila Nóbrega. (Org.). Nuances da linguagem em uso: o sujeito sob diferentes perspectivas. 1ed. Campina Grande: EDUEPB, 2021.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. **As vocalizações no autismo como aspectos constituintes da linguagem sob a perspectiva enunciativa**. In: Heloisa Monteiro Rosário; Sara Luiza Hoff; Valdir do Nascimento Flores.. (Org.). Leituras de Émile Benveniste. 1ed. Porto Alegre: Zouk, 2022.

BENVENISTE, Émile. **Problema de Linguística Geral I**. 5ª ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 2ª ed. Trad. Eduardo Guimarães (et al.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

CASTRO, Larissa Maranhão; BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. **Linguagem e autismo: a relação do tempo linguístico na ecolalia**. In: Paulo Vinícius Ávila Nóbrega. (Org.). Nuances da linguagem em uso: o sujeito sob diferentes perspectivas. 1ed. v. 3, p. 177-190, Campina Grande: EDUEPB, 2021.

DIEDRICH, Marlete Sandra. **Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem**. 2015. 147 f. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DIEDRICH, Marlete Sandra. A interpretância da língua em relação às funções inter-humanas do discurso na aquisição da linguagem via aspecto vocal da enunciação. **DELTA**, v. 33, n.2, p. 497-517, 2017.

FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles. **A criança autista na/pela linguagem: da categoria de pessoa à singularidade do sujeito no processo de enunciação**. 2014. 179 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles; AZEVEDO, Natanael Duarte de; BORBA, Vicentina Ramires. “Agolaquena”: elementos para uma abordagem de formas complexas de discurso na enunciação de crianças autistas. **Linguagem & Ensino**, v. 23, n. 3, p. 809-827, jul. - set. 2020.

FLORES, Valdir do Nascimento. A enunciação e os níveis da análise linguística. **Anais do SITED - Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso**. Porto Alegre, PUC-RS, set., 2010.

FLORES, Valdir do Nascimento; SURREAUX, Luiza Milano. **A voz e a enunciação**. Estudos da Linguagem sob a perspectiva enunciativa. NEUMANN, D.; DIEDRICH, M. (Orgs.). Passo fundo: Méritos, 2012.

LAMPRECHT, Regina Ritter. **Aquisição fonológica do português**. Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Organização Mundial da Saúde. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID-10** Décima revisão. Trad. do Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. 3 ed. São Paulo: EDUSP; 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. (1916) Trad. Antônio Cheline, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Carmem Luci da Costa; MILANO, Luiza. O lugar da voz na aquisição de linguagem. **Nonada: Letras em Revista**, v. 2, n. 21, out., 2013.

ⁱ Doutora em Letras e pós-doutora em Linguística pela UFPB. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) e dos cursos de graduação em Letras e em Fonoaudiologia da UNICAP.

E-mail: isabela.barros@unicap.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0123-7670>

ⁱⁱ Doutor em Linguística pela UFPB. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) da UFRPE.

E-mail: josetemistocles@yahoo.com.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8679-5726>

Recebido em 30/04/2023
Aprovado em 09/08/2023



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).